



## DA SERVIDÃO À LIBERDADE: O APRENDER COMO PROBLEMA E CONCEITO FILOSÓFICOS

Caio Cezar Pontim Scholz<sup>1</sup>

**Resumo:** Para pensar a questão: “afinal, qual é a tese da tua Tese?”, este percurso teórico cumpre a pretensão de propor uma abordagem eminentemente filosófica acerca do aprender, a fim de fornecer-lhe uma consistência conceitual e, conseqüentemente, afirmá-lo como um acontecimento que ocorre em um movimento que leva da servidão ao vislumbre da liberdade. Para tanto, primeiro, o aprender é pensado como uma noção pressuposta e subjetiva na filosofia antiga e na medieval, a partir de recortes das filosofias de Platão, de Aristóteles e de Tomás de Aquino; depois, na modernidade, ele ascende ao protagonismo filosófico, ao ser colocado como um problema, no percurso que leva do primeiro *Discurso* (1973) ao *Emílio* (1999), de Rousseau; e, por fim, na contemporaneidade, ele transita da via do problema para a via do conceito filosófico, a partir da filosofia da diferença de Deleuze e impulsiona pesquisas acadêmicas no âmbito da educação e áreas correlatas. Assim, tal percurso é composto por meio de ressonâncias entre as filosofias de Rousseau e de Deleuze, amparados pela perspectiva teórica da literatura de Cândido e pela narrativa literária de Exupéry, em um cenário caracterizado pelo entrelace da ética com a política. Nesse sentido, este estudo promove a abertura de um espaço para pensar o aprender por outras vias, para além do ensinar, da educação e de suas áreas correlatas. Além disso, também contribui para abrir outras linhas de interpretações das obras de Rousseau e de Deleuze, na medida em que, por um lado, investiga possíveis influências de Rousseau no pensamento de Deleuze e, por outro, incentiva uma leitura dos textos de Rousseau por meio do modo próprio de fazer filosofia proposto por Deleuze. Como fundamentação teórica, este estudo se encontra amparado pela bibliografia primária de Rousseau e de Deleuze, pela bibliografia secundária de comentadores e linhas de interpretações consolidadas de ambos os autores e de pesquisas acadêmicas atuais acerca do aprender.

**Palavras-chave:** Aprender. Servidão. Liberdade.

**Abstract:** To consider the question: “after all, what is the thesis of your Thesis?”, this theoretical path fulfills the intention of proposing an eminently philosophical approach to learning, in order to provide it with conceptual consistency and, consequently, affirm it as an event that occurs in a movement that leads from servitude to the glimpse of freedom. To this end, first, learning is thought of as a presupposed and subjective notion in ancient and medieval philosophy, based on excerpts from the philosophies of Plato, Aristotle and Thomas Aquinas; later, in modernity, it ascends to philosophical protagonism, when posed as a problem, in the path that leads from the first *Discourse* (1973) to *Emile* (1999), by Rousseau; and, finally, in contemporary times, it moves from the path of the problem to the path of the philosophical concept, based on Deleuze's philosophy of difference and boosts academic research in the scope of education and related areas. Thus, this path is composed of resonances between the philosophies of Rousseau and Deleuze, supported by the theoretical perspective of Candide's literature and Exupéry's literary narrative, in

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia. UniAlfa Faculdade. E-mail: cezar.cs@hotmail.com

a scenario characterized by the intertwining of ethics with politics. In this sense, this study promotes the opening of a space to think about learning in other ways, beyond teaching, education and its related areas. Furthermore, it also contributes to opening other lines of interpretation of the works of Rousseau and Deleuze, as, on the one hand, it investigates possible influences of Rousseau on Deleuze's thought and, on the other, it encourages a reading of Rousseau's texts by through the specific way of doing philosophy proposed by Deleuze. As a theoretical foundation, this study is supported by the primary bibliography of Rousseau and Deleuze, the secondary bibliography of commentators and lines of consolidated interpretations of both authors and current academic research on learning.

**Keywords:** Learn. Bondage. Freedom.

## O PERCURSO TEÓRICO

Pensar a questão “afinal, qual é a tese da tua Tese?” em *Da servidão à liberdade: o aprender como problema e conceito filosóficos entre Rousseau e Deleuze* (2023) promove a abertura para múltiplas interpretações e nuances em torno do aprender. Tal exercício se justifica, pois atualmente é comum encontrar um uso banal da noção de aprender no senso comum. Além disso, no âmbito acadêmico, observa-se a sua presença como objeto de estudo com maior ênfase nas áreas da pedagogia, da psicologia e em demais áreas correlatas à educação. Assim, nota-se que o aprender ainda carece de um estudo eminentemente filosófico que o coloque em primeiro plano, a fim de expandir a compreensão de sua consistência conceitual.

Diante desse cenário, a Tese mencionada se dedica a colocar o aprender nessa condição de protagonista em um plano filosófico. Para tanto, três perspectivas distintas, porém complementares, se articulam em torno do aprender, a fim de cumprir tal pretensão. Inicialmente, o aprender é abordado como uma noção pressuposta e subjetiva, segundo a definição de Deleuze, em *Diferença e repetição* (2006). Na sequência, o aprender é observado como um problema filosófico de primeira ordem, a partir da interação entre o pensamento moderno de Rousseau e o pensamento contemporâneo de Deleuze. Por fim, a partir da via do problema colocado na perspectiva anterior, abre-se uma segunda via que leva à busca de uma consistência conceitual para o aprender, em continuidade com a interação entre Rousseau e Deleuze e com o acréscimo de uma perspectiva literária.

Na primeira perspectiva, o percurso teórico se desenvolve delimitado por dois breves recortes da história da filosofia: na antiguidade e na idade média. Primeiro, é observada a presença do aprender como um elemento coadjuvante, mas de suma importância, nos argumentos de *A República* (1987), de Platão; na *Metafísica* (2002) e na *Ética a Nicômaco* (1973), de Aristóteles.

Posteriormente, o aprender também é encontrado como um elemento coadjuvante, mas de suma importância no *De Magistro* (2000), de Tomás de Aquino.

Desse modo, na antiguidade, com Platão, o aprender é coadjuvante na busca central pela definição da natureza da justiça e do bem ideal. Com Aristóteles, o aprender é coadjuvante e subordinado ao ensinar, na busca pela definição e conhecimento do ser. Posteriormente, na idade média, com Tomás de Aquino, o aprender continua coadjuvante e a sua subordinação ao ensinar é intensificada, também em relação aos princípios divinos.

Na segunda perspectiva, inicialmente, o percurso teórico continua na modernidade, por meio do pensamento filosófico de Rousseau. Nele, é possível identificar um movimento de ascensão, percorrido pelo aprender, da noção pressuposta subjetiva e coadjuvante ao protagonismo filosófico pela via do problema. Os dois pontos que delimitam tal movimento correspondem ao *Discurso sobre o avanço das ciências e das artes* (1973) e, depois, ao *Emílio ou Da Educação* (1999). No *Discurso* (1973), o aprender aparece como uma questão, porém ainda de modo coadjuvante. No entanto, no *Emílio* (1999), o aprender se reapresenta como protagonista ao compor o problema filosófico da obra em conjunto com o desconhecimento da infância.

Na sequência, o percurso teórico ganha o seu desfecho na contemporaneidade, em que o aprender como problema filosófico adquire maior força e tom enigmático, a partir do pensamento de Deleuze entre *Proust e os signos* (2006) e *Diferença e repetição* (2006). Além disso, nota-se que a interpretação de Deleuze acerca do aprender se propaga e impulsiona pesquisas acadêmicas nas áreas da pedagogia e da psicologia.

Diante dessa situação contemporânea, surge, então, a necessidade de recolocar o aprender como objeto de estudo e pesquisa, em primeiro plano, no âmbito propriamente filosófico. Nesse sentido, ainda na segunda perspectiva, a referida Tese se dedica ao exercício criativo de recompor um problema filosófico em torno do aprender, inserido no entrelace da ética com a política, a partir de ressonâncias entre Rousseau e Deleuze, em conjunto com a narrativa literária do texto *Terra dos Homens* (2015), de Exupéry e a teoria literária presente em *Direito à literatura* (2011), de Candido.

Uma vez recolocado o problema filosófico do aprender, abre-se a terceira perspectiva, em que ocorre a busca por sua consistência conceitual. Nesse momento, as ressonâncias entre os pensamentos de Rousseau, de Deleuze, de Exupéry e de Candido se intensificam, no sentido de afirmar o aprender como um conceito filosófico que acontece no movimento de transição da noção de servidão ao vislumbre da noção de liberdade. Por servidão, compreende-se a submissão do gênero humano à realidade social despótica da modernidade, denunciada por Rousseau; e a submissão à imagem dogmática do pensamento que impede o pensar inventivo, denunciada por

Deleuze. Por liberdade, compreende-se o equilíbrio entre as necessidades humanas e o uso adequado das faculdades humanas para satisfazê-las, juntamente com o rompimento da dependência da opinião, como Rousseau propõe por meio do personagem Emílio; e a possibilidade e direito de criar os próprios problemas e soluções, para além da mera submissão aos problemas e soluções já dados por saberes preestabelecidos, como propõe Deleuze, em *Bergsonismo* (1999).

Amparado por esse percurso teórico delimitado da antiguidade à contemporaneidade, foi possível afirmar a tese de que o aprender, em uma perspectiva eminentemente filosófica, pode ser compreendido tanto pela via do problema quanto pela via do conceito. Pela via do problema, encontram-se as necessidades tanto da busca por sua consistência conceitual quanto a sua liberação das condições de servidão denunciadas. Pela via do conceito, encontra-se uma consistência conceitual ao afirmá-lo como um acontecimento que ocorre no movimento que leva da servidão ao vislumbre da liberdade.

Assim, tal percurso teórico é composto pelo estudo das bibliografias primárias referentes aos textos de Rousseau e Deleuze, juntamente com a bibliografia secundária com linhas de interpretação e comentadores consagrados de ambos. Além disso, também há a presença de pesquisas acadêmicas atuais em torno do aprender como protagonista, porém, nas áreas correlatas à educação, como a filosofia da educação, a pedagogia, a psicopedagogia e a psicologia da educação.

## AS CHAVES DE INTERPRETAÇÃO

Para compor o percurso teórico apresentado acima, foram necessárias quatro chaves de interpretação, que guiaram a leitura e estudo dos textos, bem como todo o processo de criação da tese. A primeira delas diz respeito à necessidade de busca acerca do aprender, afirmada por Orlandi (2021) do seguinte modo:

Essa necessidade se reitera num permanente viver em campos problemáticos; e o ganho das buscas consiste na ajuda que podem prestar à determinação de problemas e seus enfrentamentos pelos que os sofrem. É como se os educadores devessem fazer sempre a seguinte pergunta: como levar o ensinar a ser menos prejudicial ao aprender? (Orlandi, 2021, p. 13).

Assumir a experiência de lidar com essa necessidade de busca acerca do aprender, movido pela provocação de Orlandi sobre o ensinar e o aprender (2021), corresponde a um dos princípios essenciais para seguir na pretensão de abrir um espaço para colocar o aprender em um primeiro plano filosófico. Além disso, a seguinte relação entre a noção de busca e a definição do aprender, que afirma: “Assim, as buscas implicam encontros que buscam outros encontros. Por isso, é

possível dizer que a definição de Orlandi (2021, p. 14) ‘aprender é sempre organizar o encontro’” serviu de inspiração para pensar os encontros e ressonâncias entre os pensamentos filosóficos de Rousseau e de Deleuze, juntamente com o amparo da literatura de Exupéry e de Candido.

A segunda chave se encontra no início da nota do autor já na abertura de *Terra dos Homens* (2015), de Exupéry. Nela, ele afirma:

Aprendemos mais a nosso respeito com a terra do que com todos os livros. Porque ela nos opõe resistência. O homem descobre a si mesmo medindo-se com o obstáculo. Para atingi-lo, porém, precisa de uma ferramenta. Precisa de uma plaina ou de um arado. O camponês, em seu labor, aos poucos colhe os segredos da natureza, e a verdade que dela extrai é universal. Do mesmo modo, o avião, ferramenta das linhas áreas, remete o homem a todos os velhos problemas (Exupéry, 2015, p. 6).

A partir dessa passagem, foi provocada a necessidade de pensar e problematizar a consistência desse aprender mais a nosso respeito. De pensar tal afirmação em outros cenários possíveis, além do exemplo do campo e da aviação. Nesse sentido, essa passagem serviu tanto para pensar a atividade do pesquisador no âmbito da filosofia, quanto para compor a forma em que o problema filosófico da tese acerca do aprender seria recolocado.

A terceira chave diz respeito à inusitada condição de servidão e de aprender que Rousseau descreve sobre o personagem Emílio, em sua trágica vida adulta, narrada em *Os Solitários* (1994). Nesse contexto, em carta enviada ao seu preceptor, Emílio relembra que: “o tempo de minha servidão foi o de meu reinado, e nunca tive tanta autoridade sobre mim mesmo como quando carregava as correntes dos bárbaros. Submetidos às suas paixões sem compartilhá-las, aprendi a conhecer melhor as minhas” (Rousseau, 1994, p. 211). Desse modo, a condição do personagem Emílio, juntamente com o pensamento filosófico de Rousseau, servem de conteúdo para o preenchimento da forma adquirida anteriormente com a narrativa de Exupéry.

Assim, o campo problemático próprio da tese *Da servidão à liberdade: o aprender como problema e conceito filosóficos entre Rousseau e Deleuze* (2023) busca uma consistência conceitual para modos de aprender mais a nosso respeito, para além do ensinar, em relações de servidão e vislumbre de liberdade, em cenários caracterizados pelo entrelace da ética com a política. O que caracteriza uma experiência semelhante ao campo problemático composto por Gallo (2012), a partir do encontro entre a literatura de Clarice Lispector e a interpretação filosófica de Deleuze sobre o aprender.

Por fim, a quarta chave que fortalece o campo propriamente filosófico para a abordagem do aprender, em conjunto com o conteúdo do pensamento de Rousseau, corresponde ao modo próprio de Deleuze produzir filosofia. Nesse sentido, essa quarta chave se ramifica em algumas vertentes. Primeiro, em *Diferença e repetição* (2006), a definição de noção pressuposta subjetiva,

como a expressão: “todo mundo sabe o que é...” serviu para interpretar o aprender nessa mesma condição, tanto na opinião do senso comum, quanto na sua presença coadjuvante nos recortes antigo e medieval da História da Filosofia mencionados na seção anterior. Além disso, o modo com que Deleuze busca liberar a diferença da submissão à identidade também serviu de inspiração para pensar a submissão do aprender ao ensinar.

Posteriormente, em *O que é a Filosofia?* (2010), o modo com que a filosofia, compreendida como um pensar criativo, opõe-se às meras opiniões e baixezas do pensamento do senso comum também contribuiu para abrir o espaço para pensar o aprender por outros modos possíveis, para além do que já foi pensado.

E, por fim, ainda em *O que é a Filosofia?* (2010), as definições de plano de imanência, de personagem conceitual e de problema e conceito filosóficos forneceram maior lastro para a abordagem eminentemente filosófica do aprender, tanto como problema quanto como conceito. Assim, o encontro ressonante entre o modo próprio de Deleuze fazer filosofia com o conteúdo filosófico de Rousseau permitiu estabelecer novas perspectivas filosóficas para pensar, para interpretar e compreender o aprender, para além do ensinar e do já pensado, tanto no senso comum, quanto nos âmbitos da pedagogia, da psicologia e das demais áreas correlatas à educação.

Assim, diante das quatro chaves de interpretação apresentadas, torna-se possível afirmar também que a tese da Tese pode ser, de modo mais geral, a definição tripla do aprender como noção pressuposta subjetiva, como problema e como conceitos filosóficos. Ou, até mesmo, o próprio movimento proposto ao aprender, de ascensão da condição de coadjuvante à condição de protagonismo filosófico, da antiguidade à contemporaneidade, também pode ser compreendido como uma afirmação da tese da Tese. Por outro lado, de modo mais específico, afirma-se a tese da Tese a partir da definição de uma consistência conceitual do aprender como acontecimento no movimento de transição da condição de servidão ao vislumbre da liberdade. Logo, a Tese *Da servidão à liberdade: o aprender como problema e conceito filosóficos entre Rousseau e Deleuze* (2023) abre a possibilidade de múltiplas perspectivas para solucionar a questão: “afinal, qual é a tese da tua Tese?”.

## OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Além do exposto até aqui sobre as múltiplas abordagens acerca do aprender e as suas chaves de interpretação e, a partir da pesquisa e do estudo das bibliografias primárias e secundárias, juntamente com pesquisas acadêmicas atuais, outras considerações correlatas ao tema surgiram e são dignas de atenção, pois são promissoras para a continuidade do estudo. Inicialmente, duas

oposições em torno da experiência do aprender foram identificadas. Primeiro, Platão, em *A República* (1987), afirma que nada que tenha entrado por violência permanece no espírito. No entanto, no caso Emílio, Rousseau afirma que o personagem aprendeu frente à resistência das paixões violentas de seus senhores. Além disso, Deleuze, em *Proust e os signos* (2006) e em *Diferença e repetição* (2006), também defende que o pensar e o aprender acontecem a partir do choque violento do encontro entre os signos e as faculdades do pensamento.

Outra oposição foi encontrada em relação ao ensinar e o aprender. Nesse caso, tanto na *Metafísica* de Aristóteles, quanto no *De Magistro* (2000), de Tomás de Aquino, o aprender é subordinado ao privilégio do ensinar. Porém, na contemporaneidade, na interpretação de Schérer (2005), Deleuze atribui ao aprender o protagonismo maior, pois o define como o modelo de todas as outras experiências.

Além das oposições, uma relação entre o aprender e a linguagem também se mostrou como promissora para investigação, por meio de possíveis ressonâncias entre as filosofias de Rousseau e de Deleuze. Pois, em ambos, a linguagem exerce uma função substancial, seja na imposição da servidão, seja na possibilidade de mudança do estado de coisas, a fim de vislumbrar a liberdade.

Algumas outras questões bem problemáticas também se apresentaram timidamente no decorrer do processo e carecem de maior atenção e investigação, como: é possível a formulação de uma ciência específica sobre o aprender? É possível definir ou afirmar o aprender como devir? Seria o aprender uma força humana demasiada humana? Em que medida seria possível uma experiência sensível, intelectual e visual do aprender? É possível compreender o aprender como uma necessidade humana, um potencial humanizador e criador de sentido? Aprender a nosso respeito consiste em descoberta ou criação?

Por fim, com a realização do processo, também foi possível contribuir para a continuidade de estudos atuais, em andamento, que buscam ressonâncias entre as filosofias de Rousseau e de Deleuze, em uma via de mão dupla. Ou seja, propor uma leitura de Rousseau a partir da filosofia de Deleuze ou investigar possíveis influências da filosofia de Rousseau na composição do pensamento filosófico de Deleuze. Na atualidade, a busca por ressonâncias entre os pensamentos de ambos se justifica, afinal, embora estejam em períodos históricos distintos, Deleuze demonstra apreço pela obra literária *A Nova Heloisa* (1994), de Rousseau, ao mencioná-la ainda no início de *Diferença e repetição* (2006). Além disso, ele também se utiliza de elementos da filosofia de Rousseau em seu curso sobre Spinoza, até afirmar que há um núcleo spinoziano na filosofia de Rousseau. Com maior evidência e consistência, Deleuze não só escreveu um artigo sobre Rousseau, como também ministrou um curso sobre a sua filosofia política, na Sorbonne, entre 1959 e 1960.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. In: Os Pensadores IV. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Borheim da versão inglesa de W. D. Rosá. 1.Ed.; São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ARISTÓTELES. *Metafísica* vols. I, II, III, 2ª edição. Ensaio introdutório, tradução do texto grego, sumário e comentários de Giovanni Reale. Tradução portuguesa Marcelo Perine. São Paulo. Edições Loyola. 2002.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: CANDIDO, Antonio. Vários Escritos. 5. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo* / Gilles Deleuze; tradução de Luiz B. L. Orlandi. - São Paulo: Ed. 34, 1999.

DELEUZE, Gilles. *Curso sobre Rousseau: la moral sensitiva o el materialismo del sábio* / Gilles Deleuze; compilado por Pablo Ariel Ires; prólogo de Diego Andrés Sztulwark. – 1ª ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2016.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição* / Gilles Deleuze; tradução Luiz Orlandi, Roberto Machado. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos* / Gilles Deleuze; tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

DELEUZE, Gilles. *O que é a filosofia?* / Gilles Deleuze e Félix Guattari; tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. – São Paulo: Editora 34, 2010.

GALLO, Sílvio et al. As múltiplas dimensões do aprender. In: *Congresso de Educação Básica-COEB: aprendizagem e currículo*. Anais. Florianópolis: COEB, 2012.

ORLANDI, Luiz Benedicto L. *Que se passa entre ensinar e aprender?*. APRENDER-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, n. 25, p. 12-40, 2021.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do contrato social; Ensaio sobre a origem das línguas; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Discurso sobre as ciências e as artes* / Jean-Jacques Rousseau; Trad. Lourdes Santos Machado; Introdução e notas de Paulo Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. 1. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emile e Sophie ou os solitários*. Trad. Françoise Galler; revisão da tradução Dorothée de Bruchard. Ed. Bilingue. Porto Alegre. Paraula, 1994.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. Trad. Roberto Leal Ferreira. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Júlia ou a Nova Heloísa*. Tradução de Fúlvia Moretto. São Paulo: Hucitec; Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Terra dos homens* / Antoine de Saint-Exupéry; tradução e notas Julia da Rosa Simões; Apresentação Sandra Guimarães. – São Paulo: Via leitura, 2015.

SCHÉRER, René. *Aprender com Deleuze*. Educação & Sociedade, v. 26, n. 93, p. 1183-1194, 2005.

SCHOLZ, Caio Cezar Pontim. *Da servidão à liberdade: o aprender como problema e conceito filosóficos entre Rousseau e Deleuze*. 2023. 214 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2023. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/6750>.

TOMÁS, de Aquino, Santo. *Sobre o ensino (De magistro) e Os sete pecados capitais* / Tomás de Aquino; tradução e estudos introdutórios Luiz Jean Lauand. – São Paulo: Martins Fontes, 2000.